

ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS REVISTAS LICERE E RBCE

Irene Benevides Dutra Murta¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise interpretativa e crítica das publicações referentes às atividades de aventura na natureza a partir dos artigos publicados nas revistas Licere e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Inicialmente, foi discutido o conceito de natureza. Em seguida, discorre-se sobre o que vem sendo publicado nestas revistas a partir de um olhar crítico sobre elas, partindo principalmente de duas questões: a busca pela aventura e as abordagens ecológicas dos autores. As questões ambientais, bem como breves discussões sobre o conceito de natureza, foram assuntos identificados na maioria dos artigos. Poucos trabalhos abordaram os impactos gerados pelas atividades e apenas um apresentou uma proposta real de educação ambiental.

Palavras-chave: Aventura. Natureza. Educação Ambiental.

NATURE ADVENTURE ACTIVITIES: AN ANALYSIS FROM THE MAGAZINES LICERE AND RBCE

ABSTRACT: The present article presents an interpretive and critical analysis of the publications on nature adventure activities based on articles published in the periodicals Licere and Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Initially, the article discusses the concept of nature. The discussion later contemplates what has been published in those journals from a critical point of view, considering two basic issues: the search of adventure and the environmentally-friendly approach of the authors. The environmental issues, as well as brief discussions on the concept of nature were examined in most of the articles, whereas the impacts generated by the activities were contemplated only by a few. Only one of the articles presented a real proposal for environmental education.

Keywords: Adventure. Nature. Environmental Education.

ATIVIDADES DE AVENTURA EM LA NATURALEZA: UM ANÁLISIS DE LAS REVISTAS LICERE E RBCE

RESUMEN: Este trabajo trae un análisis interpretativo y crítico de las publicaciones relacionadas a las actividades de aventura en la naturaleza en las revistas Licere y Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Inicialmente, se discutió el concepto de naturaleza. Después, desde una mirada crítica, se analizó lo que ha sido publicado en estas revistas acerca de dos cuestiones: la búsqueda por la aventura y los abordajes ecológicos de los autores. Las

¹ Formada em Educação Física. Mestre em Estudos Interdisciplinares do Lazer. E-mail: irene.benevides@yahoo.com.br.

cuestiones ambientales, tal como breves apuntes en lo que atañe al concepto de naturaleza, estuvieron presentes en la mayoría de los artículos. Sin embargo, pocos de los trabajos consideraron los impactos generados por las actividades y solamente un artículo presentó una propuesta real de educación ambiental.

Palabras-clave: Aventura. Naturaleza. Educación Ambiental.

Introdução

A colocação da problemática ambiental na agenda política internacional é reflexo de um auge da crise ambiental. E essa crise, além de dar margem a políticas públicas e de empresas, vem incitando pesquisadores. De outro lado, as atividades de aventura na natureza ganham cada vez mais adeptos e espaço na mídia. Este fato aumenta a necessidade de profissionais qualificados para atuar no ramo, além de suscitar “uma reflexão sobre valores e atitudes evidenciados nessas práticas e uma significativa preocupação em contribuir para um debate que propicie um processo consciente de vivência do lazer em áreas naturais” (BAHIA; SAMPAIO, 2007, p.184). Isto porque as atividades de aventura na natureza se diferenciam dos esportes tradicionais pelas condições de prática, objetivos, motivação e meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de equipamentos tecnológicos específicos, como evidencia Marinho (2007). Esse tipo de atividade se diferencia também por pressupor uma interação maior entre as pessoas e a natureza.

Como colocam Tahara e Schwartz (2002), as pesquisas sobre as atividades de aventura na natureza ainda são tímidas no âmbito acadêmico. Marinho (2007) corrobora apontando também a necessidade de um novo perfil profissional para vencer os desafios e as diversas demandas sociais, a fim de reiterar essas atividades como uma proposta criativa, crítica e lúdica, facilitadora da simbiose dos seres humanos com a natureza. Diante desse panorama, surgem alguns questionamentos que embasam esta pesquisa. Considerando as publicações acadêmicas como formadoras de conceitos e indutoras de práticas, questiona-se: o que os principais autores da área de educação física e lazer têm publicado no campo das atividades de aventura na natureza? Os autores abordam questões tais como os impactos decorrentes das atividades e apresentam propostas de educação ambiental?

O objetivo deste trabalho foi, portanto, entender o que tem sido publicado em revistas de educação física e lazer a respeito da relação entre atividade física e meio ambiente, quando o tema são as atividades de aventura na natureza. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram analisados dois periódicos de grande importância na área da educação física e lazer: A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e a revista Licere. Espera-se, por conseguinte, que este trabalho fomente discussões sobre a relação entre lazer e conservação da natureza, entendendo o lazer como atividade humana e os seres humanos como integrantes da natureza. O pressuposto

básico é de que numa atividade de lazer na natureza não poderia haver vandalismo paisagístico².

Ser humano - natureza: uma relação interdependente

“Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja a natureza” (GONÇALVES, 2001, p.23). O conceito constitui um dos pilares por meio do qual a humanidade ergue as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, a sua cultura.

Em nossa sociedade, a natureza foi sendo tratada como oposição à cultura, sendo esta tida como superior, controladora e dominadora daquela. Gonçalves (2001) menciona também que a ideia de uma natureza objetiva e exterior aos seres humanos cristaliza-se com a civilização industrial inaugurada pelo capitalismo.

A mudança de conceitos referentes à “natureza” se inicia com Platão e Aristóteles, onde se passa a ter um desprezo pelas plantas e pelas pedras e destaque para os seres humanos e as ideias. Essa mudança é reforçada também pela influência judaico-cristã que opõe humanidade-natureza e espírito-matéria. E o marco concebido como primordial foi com Descartes no dito Método René Descartes, onde: I. conhecimento adquire um caráter pragmático (útil à vida), conhecimento esse que vê a natureza como um recurso; II. surge o antropocentrismo, quando os seres humanos passam a ser vistos como o centro do mundo.

Silva (2007) considera que é preciso superar a ideia que o ser humano poderia dominar a natureza. Como se observa, o conceito de natureza não é natural, mas foi um processo político, religioso e socialmente construído. Dessa forma, deve-se então repensar o corpo na natureza e os seres humanos como parte dela. É preciso rever que o ser humano faz parte do todo, retomando a ideia de complexidade, de totalidade.

É a partir dessas ideias que esta pesquisa se guia, no intuito de retomar a relação de interdependência humanidade-natureza. Caso contrário, a sobreposição de um sobre o outro, num pensamento antropocêntrico presente até hoje, comprometeria uma fiel atitude ecológica³ das pessoas.

Desenvolvimento: entendendo o corpus da pesquisa

2 Vandalismo da Paisagem foi uma expressão discutida por Yázigi (1996), nas primeiras discussões a respeito dos impactos da atividade turística na paisagem. O autor discorre sobre paisagens urbanas e não urbanas. Toma-se o termo emprestado para esta discussão, entendendo que ele permite sintetizar a maior preocupação que é motivadora deste trabalho: a prática das atividades e o resultado delas.

3 Para ter uma atitude ecológica, como coloca Gontijo (2003), bastaria recuperar dentro de si o vínculo sagrado e esquecido com a terra, e tentar agir segundo uma ética ecocêntrica. É preciso ter uma convicção profunda de que o ser humano é parte indissolúvel da natureza.

O presente trabalho teve como objetivo analisar as publicações referentes às atividades de aventura na natureza em dois periódicos de grande relevância nas áreas de educação física e lazer: a revista *Licere*⁴ e a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*⁵.

A revista *Licere* trata da temática do lazer em suas múltiplas dimensões, a partir de uma ótica multidisciplinar. É uma revista editada pelo Centro de Estudos do Lazer (CELAR) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O CELAR foi criado em 1990 com o objetivo de reunir acadêmicos, profissionais e pesquisadores de diversas áreas em torno de questões fundamentais do lazer, considerando a formação e a atuação profissional como pontos de partida para estudos e intervenções articuladas com o ensino de graduação e de pós-graduação, a pesquisa e a extensão na realidade brasileira.

A *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)* por sua vez, é um dos mais tradicionais e importantes periódicos científicos brasileiros na área de Educação Física/Ciências do Esporte. Sua publicação é quadrimestral, existente há mais de 30 anos, sob responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) – entidade científica criada em 1978, que congrega pesquisadores ligados à área de educação física/ciências do esporte.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa. Em ambas as revistas, foram selecionados todos os artigos em cujos títulos figuravam pelo menos um dos termos chave para a discussão: meio ambiente, ecologia, educação ambiental, natureza, trilhas, esportes de aventura, atividades de aventura na natureza, ou termos afins. Para a investigação, foram analisadas todas as edições das revistas até o ano de 2010 - quando se encerrou esta pesquisa. Para a revista *Licere*, a primeira publicação analisada foi de 1998, e para a *RBCE*, de 1979. A partir do levantamento e seleção dos artigos, foram feitas análises críticas e interpretativas dos mesmos, além da problematização das ideias colocadas pelos autores (SEVERINO, 2000).

Resultados - *Licere*

A revista *Licere* começou a ser publicada anualmente a partir de 1998, passando a ser publicada semestralmente de 2003 a 2006, quadrimestral nos anos de 2007 e 2008 e finalmente, trimestral a partir de 2009. O primeiro artigo encontrado sobre a temática foi do ano 2000 e a partir de então, todo ano a revista publicava pelo menos um artigo sobre o tema, com destaque para os anos de 2006 e 2008 com quatro artigos publicados. Foram encontrados no total, 21 artigos sobre a temática investigada, citados no QUADRO 1, que apresenta o ano de publicação, o volume, o número, os autores e um breve resumo dos artigos.

4 As revistas *LICERE* podem ser acessadas através do link: <http://www.eeffto.ufmg.br/celar/>

5 As revistas *RBCE* podem ser acessadas pelo link: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE>

Quadro 1: Artigos da revista *Licere* selecionados para compor o *corpus* da pesquisa

v.	n.	Ano	Título	Autor	Assunto
3	1	2000	Da natureza do espaço ao espaço da natureza: reflexões sobre a relação corpo - natureza em parques públicos urbanos.	Sandoval Villaverde	Estudo da relação corpo - natureza vivenciada pelos frequentadores do Parque do Lago de Campinas SP. É apontado dois diferentes perfis de frequentadores: aquelas pessoas que realizam atividades em busca de boa forma, como correr e caminhar, e aquelas que estão em busca de harmonia entre o corpo e o espaço.
4	1	2001	Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva	Alcyane Marinho	O texto busca as relações entre os praticantes de escalada no GEEU da UNICAMP apresentando uma forma de sociabilidade estabelecida entre os escaladores.
5	1	2002	Atividades de aventura: análise da produção acadêmica do ENAREL	Alexander C. Tahara Gilsele M. Schwart	Apresenta os resultados das investigações sobre quais enfoques têm sido dados às questões referentes à vivência em atividades de aventura em integração com o meio ambiente.
6	2	2003	Lazer e Meio ambiente: multiplicidade de atuações	Heloísa Turini Bruhns Alcyane Marinho	Discute as questões relacionadas ao ecoturismo e busca uma compreensão sobre as imagens criadas em torno dessa atividade.
7	2	2004	Reflexões sobre lazer e meio ambiente	Cleide Aparecida Gonçalves de Souza	Aborda as questões ambientais, os conceitos de lazer e como as atividades de lazer na natureza podem dialogar com isso, por meio da Educação Ambiental.
7	2	2004	Lazer e meio ambiente: a experiência da cidade de Curitiba-PR	Simone Rechia	Apresenta o planejamento urbano da cidade de Curitiba, como o empreendimento valorizou desde o início os espaços verdes na cidade.
8	1	2005	Na trilha dos sujeitos participantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente	Mirleide Chaar Bahia Tania Mara Vieira Sampaio	O estudo estabelece um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente, por meio de pesquisa bibliográfica.
9	1	2006	Esporte, cidade e natureza: um estudo de caso	Cleber A. G. Dias Edmundo de D.A. Júnior	Reflete sobre os esportes na natureza em interface com a problemática urbana na cidade do Rio de Janeiro.
9	1	2006	Resenha do livro: UVINHA, Ricardo R. (org.). Turismo de Aventura: reflexões e Tendências. São Paulo: Editora Aleph, 2005	Heloísa Turini Bruhns	Apresenta as ideias do livro, que descreve o turismo de aventura, sendo considerada uma prática contemporânea e que pode contribuir para o aprendizado sobre a sociedade e suas contradições.

9	2	2006	As diferentes interfaces da aventura na natureza: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea	Alcyane Marinho	O fenômeno do esporte de aventura: motivações dos praticantes e reflexão sobre a aventura.
10	1	2007	Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura	Alcyane Marinho	O texto busca refletir sobre as relações entre o meio ambiente, o turismo e a atual busca pela aventura, privilegiadamente em momentos de lazer.
10	3	2007	Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza	Cleber Augusto Gonçalves Dias	Aborda questões conceituais do lazer esportivo na natureza. Apresenta alguns termos que tem sido empregado pelos pesquisadores e pelos esportistas.
11	1	2008	Por um programa investigativo para os esportes na natureza	Cleber Augusto Gonçalves Dias	O texto apresenta uma proposta de abordagem que utilizem livros, vídeos, revistas especializadas entre outros instrumentos, para análises etnográficas dos esportes de aventura.
11	1	2008	Emoções, aventura e natureza: análise dos relatos verbais de praticantes dos esportes de aventura	Tiago N. Lavoura Gilsele M. Schwart Afonso A. Machado	Investiga e discute as inúmeras possibilidades de manifestações das emoções na prática dos esportes de aventura, por meio dos relatos verbais dos praticantes.
11	2	2008	Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: um panorama de Belém	Mirleide Chaar Bahia Sílvia Lima Figueiredo	Levantamento das áreas verdes e de lazer em Belém e a localização e utilização das mesmas.
11	3	2008	Da praia para o mar: motivos à adesão e a prática do surf	Cleber A. G. Dias Ananda Veras de Amaral	Busca identificar os principais fatores motivacionais que influenciam à adesão ao surf por meio de entrevistas semiestruturadas.
12	3	2009	Lazer e meio ambiente: as práticas educativas e de sensibilização na natureza por meio do lazer e seu potencial na Pesquisa, Treinamento e Educação Ambiental -Mata do Paraíso em Viçosa - MG	Liliane Gonçalves Garcia Marizabel Kowalski Rafael Júnio Andrade	O trabalho busca compreender a visão do público que visita o espaço natural público da Estação de Pesquisa, Treinamento e Educação Ambiental - Mata do Paraíso – em Viçosa Minas Gerais. É abordada a segregação sócio-espacial pela possibilidade que apenas algumas pessoas podem ter aos ambientes naturais.
13	1	2010	Lazer e meio ambiente: um estudo a partir dos Anais do Encontro	Denis Terezani Felipe S. Barbosa Gustavo A. P. de Brito	O artigo tem por objetivo verificar as produções referentes à temática “lazer e meio ambiente”, publicadas nos anais do Encontro Nacional de Recreação e Lazer de 1995 e de 1998 a 2008.

			Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL)	Jossett C. de Gáspari Maria C. Rosa Mirleide C. Bahia Nelson C. Marcellino Newton N. Nabeta Rosana de Almeida e Ferreira Stéphanie Helena	
13	2	2010	Seres Humanos e natureza: o lazer como mediação	Camila S. de Armas Humberto L. de Deus Inácio	O estudo busca compreender e descrever uma realidade social concreta por meio da prática corporal de aventura na natureza específica: o montanhismo.
13	2	2010	Atividades de aventura na natureza: significados para praticantes divulgadores	Newton N. Nabeta Cinthia L. da Silva	O texto busca apontar vivências de atividades de aventura que promovam o mínimo impacto ambiental e identificar os processos de aprendizagem de novos valores resultantes em mudanças comportamentais e relações mais sustentáveis entre o ser humano e o ambiente natural.

Fonte: Elaboração própria.

Resultados – RBCE

A RBCE teve sua primeira edição em 1979, publicada quadrimestralmente, tornando-se trimestral a partir do ano de 2010. Foi somente a partir da segunda metade da década de 90 que começam a aparecer na revista artigos relacionados ao tema investigado. Em 1997, cinco artigos foram identificados. Em 2001 foi publicado um artigo e em 2007, a revista dedicou seu v. 28 n.3, para pesquisas com temáticas ambientais, com 12 artigos publicados. Em 2009, o assunto volta a aparecer na revista, com um artigo publicado.

Em 1997, a quantidade de artigos sobre a temática foi bastante elevada, o que levanta questionamentos. Algumas justificativas podem ser estabelecidas: a década de 90 viveu a efervescência dos movimentos ambientais e da inserção da problemática ambiental na agenda política mundial. Em 1997 foi criado o Protocolo de Kyoto sobre o clima. Em âmbito nacional, foi nesta mesma época que se elaborou a Agenda 21 brasileira, a Lei da Política Nacional de Recursos Hídricos e a Reserva de Carajás.

No ano de 2007, outros eventos podem ter também influenciado a convocatória de artigos para uma edição especial sobre meio ambiente. Em âmbito mundial, o Painel Internacional de Cientistas sobre Mudanças Climáticas lança seu quarto relatório, que constata que as atividades humanas são, inequivocamente, causadoras de mudanças

climáticas. E em âmbito nacional, foi reestruturado o Ministério do Meio Ambiente e criado o Instituto Chico Mendes⁶.

No total, foram analisados 19 artigos da RBCE, citados no QUADRO 2 a seguir:

Quadro 2: Artigos da revista RBCE selecionados para compor o corpus da pesquisa

V.	Nº	Ano	Título	Autor	Assunto
18	2	1997	Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura	Heloísa Turini Bruhns	Apresenta uma discussão sobre questões envolvendo lazer/meio ambiente, situando algumas atividades esportivas desenvolvidas no contato com a natureza.
18	2	1997	A dominação da natureza: o intento do ser humano	Ana Márcia Silva	O artigo faz algumas considerações sobre a trajetória da racionalidade no ocidente, apontando para a perspectiva de que, nas sociedades industriais modernas, o trato com a natureza externa é regido pela razão subjetiva instrumental, tal como com a natureza interna, o que confere uma forte dimensão de (auto) dominação e fragmentação a todo conhecimento produzido, com repercussões no entendimento de corporeidade e na chamada "crise ecológica" atual.
18	2	1997	Corrida para a saúde: a poluição ambiental no coração do problema	Edgard Matiello Júnior Aguinaldo Gonçalves	Descreve inicialmente a relação entre desenvolvimento econômico e desordem ambiental e a interface com a saúde coletiva e atividade física, no que se refere ao sedentarismo e às infecções hipocinéticas. São apontadas tendências da epidemiologia no contexto da globalização e pós-modernidade.
18	2	1997	Educação física e ecologia: dois pontos de partida para o debate	Humberto Luís de Deus Inácio	O trabalho apresenta dois pontos: os chamados "esportes ecológicos" e as ditas "práticas esportivas em associações classistas".
18	2	1997	Esporte e lazer no meio ambiente: o Programa Praia da prefeitura municipal de Montevideu R.O. do Uruguai	Jorge Fernando Hermida	O artigo transmite uma experiência recreativa e esportiva que tem se desenvolvido desde 1991 nas praias de Montevideu. A partir da experiência de trabalho do autor, no verão dos anos 1995 e 1996, é analisada a relação que existe entre o Programa Praias e as temáticas de meio ambiente e exercício da cidadania.
22	2	2001	Lazer, natureza e aventura:	Alcyane Marinho	Propõe reflexões sobre as atividades de aventura, práticas corporais manifestadas

6 Dados retirados do Quadro1 p.84 a 93, do texto de Maurício Andrés Ribeiro, intitulado Origens Mineiras do Desenvolvimento Sustentável no Brasil, publicado no livro Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente organizado por José Augusto Pádua.

			compartilhando emoções e compromissos		privilegiadamente durante o lazer, apontando diferentes formas de se perceber o meio natural, fundamentados, principalmente, a partir de acordos fundados sob a ética e sensibilidade.
28	3	2007	Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar	David Le Breton	A existência individual oscila entre segurança e vulnerabilidade, risco e certezas, atalhos e caminhos traçados. A lógica vigente enfatiza o desafio individual, de uma busca íntima de legitimidade, de notoriedade, de reconhecimento, instrumentalizando o mar como elemento do perigo a ser superado.
28	3	2007	Transgressões de gênero e naturezas contestadas	Barbara Humberstone	O texto examina diversos sentidos atribuídos à natureza, destacando conceitos de natureza como lugar. Chama a atenção para o predomínio de vozes masculinas nos discursos acadêmicos que se preocupam com a natureza e as atividades ao ar livre.
28	3	2007	Descendo o rio das velhas - A canoagem e o calor: a educação física no Manuelzão	Ivana A.T. Fonseca Luciana G. Madeira Letícia C. Marques Graciane Freitas Luiz O. C. Rodrigues.	Medidas, termorregulação, Hidratação dos canoheiros que descem ao longo do Rio das Velhas.
28	3	2007	Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes	Alcyane Marinho Humberto Luís de Deus Inácio	Apresenta reflexões que extrapolam a compreensão das atividades de aventura como mero processo esportivo formal ou como uma parcela de mercado de trabalho exclusiva e excludente. A educação física é apresentada como um campo do conhecimento que ocupa uma posição privilegiada para as mais diversas intervenções nesse segmento.
28	3	2007	Práticas corporais num ambiente rural amazônico	Gláucio C. G. de Matos Maria B. R. Ferreira	Apresenta o estudo das práticas corporais - cultivo do solo e o extrativismo da pesca, caça e produtos das florestas - em comunidades rurais de Boa Vista do Ramos.
28	3	2007	Curitiba cidade-jardim: a relação entre espaços públicos e natureza no âmbito das experiências do lazer e do esporte	Simone Rechia	O artigo aponta que os parques públicos constituem uma das faces visíveis da questão urbana de Curitiba, que tem sua gênese em modelos diferenciados de planejamento urbano voltado à preservação ambiental.
28	3	2007	Trilhas interpretativas:	Andréa C. de Paiva	Discute a dimensão teórico-social na organização de trilhas interpretativas,

			reconhecendo os elos com a educação física	Tereza Luíza de França	visando à abordagem da cultura corporal e do meio ambiente, no intuito de manter intercâmbios institucionais e comunitários, concretizando políticas sociais na perspectiva do lazer enquanto fator de qualidade de vida em espaços ecológicos.
28	3	2007	Anatomia altruísta	Éden Silva Pereti	O autor desenvolve reflexões que podem auxiliar a área de educação física a ressignificar a hegemonia do padrão fisiológico e narcíseo de corpo humano como referência de suas produções e ações, para assim subsidiar a composição de outras possibilidades para elas, talvez mais altruístas e ecológicas.
28	3	2007	Das relações estéticas com a natureza	Ana Maria Silva	Discute alguns elementos conceituais necessários para a análise das possibilidades das relações estéticas com a natureza, sendo esta compreendida como sensibilidade, centrada, portanto no corpo e na experiência corporal.
28	3	2007	Educação física no ensino médio e as discussões sobre meio ambiente: um encontro necessário	Simone Guimarães Ida C. Martins Leonardo Lucenti Michele V. Carbinatto Wagner Moreira Regina Simões	Reflete sobre a relação entre os temas educação física e educação ambiental, no contexto da educação física no ensino médio. São analisados a importância de o tema educação ambiental fazer parte da educação formal dos alunos, especialmente dos que frequentam o ensino médio, e as possibilidades do tema educação ambiental fazer parte dos conhecimentos a serem tratados pela educação física no ensino médio.
28	3	2007	Lazer - meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura	Mirleide Chaar Bahia Tânia Mara Vieira Sampaio	Trata das interfaces subjacentes à relação do lazer - na forma de esportes de aventura - e do meio ambiente no contexto contemporâneo, identificando as atitudes, motivações e comportamentos que têm permeado a experiência dos praticantes de esportes de aventura.
28	3	2007	Avaliação do nível de dificuldade da Trilha interpretativa do Ecoparque de Una (BA): Aspectos físicos, biológicos e parâmetros de esforço físico dos visitantes	Marcial Cotes Marcelo S. Mielke Irene M. Cazorla Marcia Morel	Foi proposto e testado um método para graduar a trilha interpretativa do Ecoparque Una, situada na mata atlântica, no sul da Bahia. A coleta de dados foi baseada em aspectos físicos e biológicos da trilha e nos parâmetros de esforço físico dos visitantes. A trilha apresentou um percurso total de 2.105 metros e como diferencial, passarelas suspensas nas copas das árvores.
31	1	2009	Natureza urbana:	Andre Dalben	Reflete sobre as premissas de uma educação do corpo circunscrita ao espaço da

parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940)	Kátia Danailof	natureza na cidade de São Paulo entre os anos de 1930 1940. Visando identificar por que esses espaços se tornaram atraentes, em especial, para a educação da infância.
--	----------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Discutindo as abordagens: a busca pela aventura

No texto de Dalben e Danailof (2009), os autores citam Keith Thomas para falar do sentido de retorno à vida natural como uma necessidade refletida pelo “desconforto gerado pelo progresso da civilização humana e uma relutância a aceitar a realidade humana e industrial que caracteriza a vida moderna” (p.166). Observa-se certo repúdio à sociedade industrial, pois esta é apontada como causadora do desconforto humano, o que está relacionado com a problemática ambiental (qualidade do ar das cidades industrializadas e acidentes ambientais, por exemplo).

No texto de Bahia e Sampaio (2005), as autoras concordam que as atividades realizadas na natureza na atualidade, vêm ao encontro da necessidade cada vez mais latente do ser humano em vivenciar experiências no ambiente natural. Essas autoras ainda estabelecem que o processo de industrialização e a urbanização têm causado nas pessoas esse sentimento de busca por experiências próximas à natureza, sejam elas de contemplação, de práticas esportivas ou outras.

Marinho (2007) apresenta que as atividades de aventura na natureza são praticadas na maioria das vezes em grupos, dos quais pessoas com diferentes estilos de vida fazem parte. Essas atividades teriam em comum a descoberta de uma nova relação com a natureza e de sentimentos possíveis de serem vividos coletivamente. A autora coloca também que se vive um prazer e uma emoção compartilhados no ambiente natural e de certa forma, diferenças como língua, raça e gênero são apagadas, salientando que esse fato é provavelmente uma característica particular de tais atividades em reação à realidade atual, permeada pela velocidade do tempo. Essa visão pode ser discutível, pois apresenta uma ideia romantizada dos praticantes dessas atividades. Contudo, concorda-se com a autora quando ela aponta que essas atividades têm um tempo diferenciado. A natureza tem outra temporalidade se comparada às temporalidades dos centros urbanos.

Bruhns (1997) aponta a busca pela aventura como uma busca pelo esforço físico, espírito de grupo e companheirismo. Para a autora, a opção pelas atividades de aventura na natureza pode ser traduzida através do desejo de uma reconciliação com a natureza, expressa numa experiência nunca antes vivenciada já que as experiências cotidianas com a natureza estariam cada vez mais distantes. A autora menciona também que as experiências corporais na natureza expressam, em alguns casos, uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por esse corpo na sua relação com o mundo,

propiciando uma revisão de valores, bem como um encontro particular do ser humano consigo mesmo. Marinho (2001) concorda com Bruhns ao apontar:

As intensas manifestações corporais nessas práticas permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos enquanto parte desse meio. (MARINHO, 2001, p. 150).

Bruhns menciona que as experiências corporais na natureza propiciam uma revisão de valores, mas faz-se aí uma ressalva: deve-se ter o cuidado para não generalizar as atitudes dos praticantes afinal, nem todas as pessoas que praticam as atividades de aventura na natureza estarão sensíveis a mudanças ou a novas percepções. É o caso, por exemplo, de pessoas que experimentam essas atividades e não gostam ou tiveram experiências negativas. A autora comenta também:

A experiência corporal é a mais direta e imediata, sendo o corpo o primeiro referencial do homem no mundo. O tema do corpo visitando a natureza requer a compreensão da corporeidade como presença no mundo, sendo o movimento humano a expressão dessa corporeidade. O movimento humano representa portanto, uma forma de comunicação, um diálogo entre o homem e o mundo (BRUHNS, 1997, p. 87).

Embora a autora coloque uma ideia de ser humano visitando a natureza, tornando claras as ideias cartesianas, essa abordagem apresenta a sensibilização com a natureza através do corpo, coadunando a fala de Catalão (2009, p. 264): “O corpo, com seus ritmos e sentidos, restabelece no indivíduo a conexão entre o mundo interior e o exterior”.

Marinho e Inácio (2007) apontam que a busca pela aventura é caracterizada pela emergência de imagens, valores e conhecimentos que estariam intimamente ligados à condição humana na sociedade contemporânea. Para os autores, descer corredeiras e cachoeiras pode ser considerado maneiras de experimentar sensações inimagináveis. Apresentam ainda que as experiências de aventura são distantes no espaço-tempo das experiências cotidianas, tanto nos aspectos sensoriais quanto motores e ampliam as possibilidades de mudança de hábitos e de autoconhecimento.

Essa busca pela aventura e pelas sensações inimagináveis apontadas pelos autores parece representar uma fuga do cotidiano. Mas, ao mencionarem a possibilidade de mudança de hábitos, os autores não foram muito claros em especificar que hábitos são esses, passíveis de mudanças. Além disso, pode-se questionar se somente o contato com a natureza é o suficiente para essa mudança de hábitos.

Tahara e Schwartz (2002) apontam a busca por atitudes mais ecológicas como fatores motivacionais à prática das atividades de aventura na natureza:

[...] na última década, o ser humano vem, gradativamente e bastante sutilmente, sentindo a necessidade de buscar compor um quadro atitudinal que favoreça a minimização dos efeitos dessa relação meio truncada com o ambiente natural, buscando, inclusive, novas formas mais significativas de vivenciar o tempo livre. Uma dessas iniciativas vem sendo percebida, qual seja o crescente número de adeptos às atividades que resgatam sua essência junto à natureza, despertando o espírito de cooperação e solidariedade (TAHARA; SCHWARTZ, 2002, p.51).

Nesse trecho, os autores parecem acreditar que está havendo uma real mudança de pensamento da humanidade, como se as pessoas estivessem tocadas pelos valores ecológicos, buscando atitudes mais corretas em relação ao meio ambiente. E isso deve ser analisado cuidadosamente, pois o que a mídia e as propagandas apontam nem sempre correspondem à verdade, e conforme Barcellos (2008) recria-se a mercadorização da natureza.

Diferentemente das abordagens anteriores, Nabeta e Silva (2010) apresentam que para os praticantes divulgadores dessas atividades, não é a fuga do cotidiano ou a compensação do dia-a-dia as suas motivações principais, mas a busca pela harmonia com a natureza. O que se constata é que estes praticantes não estão mais tão conectados com a lógica da cidade, por estarem envolvidos mais profundamente com as atividades de aventura na natureza. Trata-se de profissionais da área, onde os riscos e a aventura são vistos de maneira diferenciada. Segundo os autores, “a minimização de riscos ocorre pela assimilação e aprimoramento de procedimentos e atitudes, técnicas e equipamentos utilizados em suas vivências no meio ambiente natural” (p. 24).

Nabeta e Silva (2010) mencionam também que as mudanças de percepções dos praticantes não ocorrem de forma espontânea, sendo necessário o direcionamento, a educação e a divulgação dos valores ambientalmente corretos ou a vivência de imersão na natureza. Quanto mais envolvimento com a natureza os praticantes tiverem, mais adquirem vivências sensíveis, dão mais atenção, prioridade e valorização para condutas que não somente minimizam o caráter compensatório ou o risco, mas que ambientalmente causem menos impactos. Pode-se compreender com isso que a frequência torna-se um fator relevante na mudança de atitudes e sensibilização dos sujeitos.

Abordagens ecológicas

Este tópico procura investigar nas publicações das revistas Licere e RBCE, como os autores colocam as abordagens ecológicas. Algumas perguntas norteiam a análise deste tópico: é mencionada a importância da educação ambiental para os praticantes de atividades de aventura na natureza, ou são propostas atividades nesse sentido? São alertados os possíveis impactos gerados pelas atividades e como minimizá-los?

Rechia (2004) aborda que o início dos anos 70 é marco dos grandes movimentos ecológicos, onde em todo o mundo a preocupação com o meio ambiente assume níveis impensáveis de importância em plena era da industrialização. A autora também aponta que a degradação ambiental é manifestada como um sintoma de uma crise de civilização, atentando para a necessidade de convocar governantes e comunidades a rever suas bases de crescimento e desenvolvimento. Rechia (2004) defende que o desafio está em encontrar um novo modelo de desenvolvimento, que associe crescimento econômico/progresso com qualidade de vida/sustentabilidade dos recursos.

Conforme mencionado pela autora, nos anos 70 ocorreram importantes fatos na história do ambientalismo, como a conferência de Estocolmo, que desencadeia a popularização de um novo termo/conceito: desenvolvimento sustentável. A definição mais usual para o conceito de desenvolvimento sustentável é extraída do documento “Nosso Futuro Comum” ou como é mais reconhecido, Relatório Brundthland 1987: “Desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”⁷. Este conceito propõe possibilitar às pessoas, agora e no futuro, atingirem um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico, de realização humana e cultural, fazendo ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais. São esses discursos sobre o desenvolvimento sustentável que ganham espaço nas agendas políticas e na mídia, popularizando-se e pode-se dizer, banalizando-se.

Observa-se mais recentemente, tal como proposto por Barcellos (2008), que se desenvolve o mercado verde, referindo-se às motivações supostamente “eco” de consumo de produtos e serviços. Gontijo (2003) destaca que os turistas e praticantes das atividades de aventura na natureza, acreditam que tomar um banho de cachoeira na Serra do Cipó ou fazer uma trilha de doze quilômetros em um trecho da Serra, por exemplo, por si só representariam práticas ecoturísticas. Mas esses praticantes realmente vivenciam o ambiente dentro do paradigma da sustentabilidade e/ou do ecoturismo? Para o autor, ser ecoturista envolveria uma viagem interior que possibilitaria a assimilação do real significado da natureza, vivenciando a atividade e a natureza de maneira profunda e não superficialmente, como mero cenário. E ainda:

O termo ecoturismo, por seu turno, tem sido apropriado por vários turistas apenas pelo fato de considerarem estar mais perto da natureza. De uma forma mais nefasta ainda, o termo tem sido utilizado pelo *Trade* turístico, de uma maneira geral, para exaltar as virtudes naturais de destinações que se quer vender. (GONTIJO, 2003, p.7)

7 Para informações sobre este relatório sugiro a leitura neste site: <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/91>

Bahia e Sampaio (2005) relatam que a expansão das práticas de lazer realizadas na natureza ganha adeptos a cada dia e que isso é causa de preocupações em relação aos procedimentos adotados, como o uso indiscriminado e mal planejado do meio natural. Observa-se a preocupação das autoras em apontar que as práticas devem ser planejadas, uma vez que o não comprometimento com essas medidas podem levar a atitudes impactantes. Marinho e Inácio (2007) remetem também às medidas paliativas de cuidado com a natureza quando da expansão das atividades de aventura:

Diversas atividades de aventura têm sido denunciadas por seu caráter degradante: veículos motorizados em regiões sensíveis, visitação acima da capacidade adaptativa dos locais, rastros na forma de lixo, equipamentos variados/esquecidos, entre muitas outras (p.58).

Os autores defendem que essas degradações são consequência do acesso livre ao espaço, propondo por isso três tipos de espaços naturais: os de livre acesso, de propriedade privada e de propriedade estatal. Ressalta-se que embora os autores tenham considerado os impactos decorrentes das atividades, eles são justificados através do livre acesso dos praticantes, já que em suas análises, não voltam a mencionar os impactos quando se tratam de propriedades privadas ou estatais. Essa visão é questionável, pois todos esses três tipos de espaços estão sujeitos à degradação caso não se respeitem (ou mesmo se criem) os planos de manejo.

Afinal, quais são os possíveis impactos causados por essas atividades? Algumas das possíveis respostas seriam: (i) a compactação do solo pela sobrecarga das trilhas – quando não há manejo da área e não existe uma política de controle de caminhantes ou demais formas de uso do solo; (ii) mudanças de hábitos da fauna e flora, sejam pelo ruído que os praticantes fazem no local ou pelos alimentos trazidos e compartilhados com os animais, e não apenas os industrializados podem causar problemas ambientais (quando o praticante leva, por exemplo, frutas e alimenta animais com elas ou dispersa suas sementes, pode ocorrer mudanças na cadeia trófica dos animais e na vegetação local. Os praticantes de atividades, quando não informados, podem ser responsáveis pela introdução de novas espécies, que podem ser prejudiciais às espécies nativas e, principalmente, às endêmicas. Outro fator preocupante é que muitas espécies vegetais consumidas na contemporaneidade são cultivadas com muitos agrotóxicos e às vezes são transgênicas, podendo prejudicar os animais.); (iii) contaminação das águas de rios por dejetos humanos; (iv) e também o vandalismo (pichações em grutas e cavernas, destruição das formações rochosas das mesmas dentre outras), entre outros impactos.

Mesmo que se acredite que os indivíduos que buscam o contato com as áreas naturais sejam mais sensíveis às questões ecológicas, deve-se lembrar de que existem diferentes tipos de adeptos das atividades de aventura na natureza. Além disso, o fator “frequência” deve também ser considerado, pois interfere na maneira de agir dos praticantes:

Visitações esporádicas, breves e superficiais ao ambiente natural, são pouco eficientes para engendrar reordenações de valores que embasam as ações dos praticantes de atividades de aventura. Frequência, longa duração e estímulo individual são então identificados como potenciais oportunidades capazes de transformar percepções do sujeito praticante para a concepção do contato ambientalmente mais coerente e para uma ressignificação do lazer por meio das atividades de aventura ao ar livre. (NABETA; SILVA, 2010, p. 18)

Os autores também afirmam que as atividades de aventura na natureza representam um tempo privilegiado para a vivência de valores que podem vir a educar indivíduos, criando pessoas questionadoras da ordem social estabelecida e contribuindo para mudanças morais e culturais necessárias para o surgimento de novas condutas ambientais. Essas atividades representam possibilidades pedagógicas descompromissadas e informais, pois são ricas em experiências emotivas (aventura, medo, risco e superação) e geram mudanças nos indivíduos (autonomia e emancipação). É uma educação assistemática e prazerosa, efetuada por livre arbítrio pelo indivíduo e que o atinge e modifica num processo contínuo e sem fim, reconhecendo o valor da experiência como base para o aprendizado.

A partir da análise dos trabalhos publicados nas duas revistas, Licere e RBCE, pode-se inferir que a maioria dos artigos abordou a necessidade da sensibilização do ser humano em contato com a natureza, mas não tratou de maneira clara sobre as possibilidades de educação ambiental, com exceção do trabalho de Nabeta e Silva (2010), que apresentou uma proposta real através de folhetos explicativos, sendo também o único a apresentar propostas de minimização dos impactos gerados pelas atividades de aventura na natureza.

De maneira simplificada, pode-se dizer que grande parte dos trabalhos apresenta uma ideia de educação ambiental a partir do contato com a natureza, como se o despertar da consciência ecológica ocorresse de maneira espontânea. Os impactos gerados pelas atividades de aventura na natureza são considerados, mas foram pouco abordados nos artigos, que discorrem, sobretudo, sobre a busca do ser humano pelo contato com a natureza e a aventura.

Considerações finais

A educação ambiental é tema importante para pesquisas sobre as atividades de aventura na natureza, no intuito de apontar os cuidados que devem ser tomados ao interagir com as áreas naturais. Coloca-se em cheque a ideia de que o interesse por tais atividades e a presença do ser humano na natureza por si só sejam elementos de mudança de hábitos e atitudes, embora possam representar uma oportunidade para os indivíduos praticantes.

Foram analisados no total, 21 artigos da revista *Licere* e 19 artigos da *RBCE*. A quantidade de artigos encontrada sobre a temática nos dois periódicos até o ano de 2010, não teve uma variação considerável entre as duas revistas, não se tratando, portanto, de uma temática mais relevante para um ou outro periódico.

As questões ambientais, bem como breves discussões sobre o conceito de natureza, foram assuntos abordados na maioria dos artigos. As problemáticas ambientais, como consequência do acelerado processo de industrialização e do regime capitalista, tem sido apontadas como marco para o movimento contemporâneo de retorno do ser humano à natureza.

Em muitos artigos foi apontada a importância de se preparar melhor os profissionais da área de educação física e lazer, além de se desenvolver melhor a relação que esta área do conhecimento pode estabelecer com a educação ambiental, por meio de uma aprendizagem prática. Alguns artigos abordaram também a falta de consenso quanto à nomenclatura utilizada para designar tais atividades, dificultando a comunicação científica sobre a temática.

Observou-se que os autores de ambas as revistas tem retratado as atividades de aventura na natureza como possibilidade de lazer. Essas atividades representariam a reaproximação da humanidade com a natureza, relação que tem se tornado cada vez mais distante do cotidiano das pessoas das grandes cidades.

Como principais motivações para as atividades de aventura na natureza, foram apontadas a fuga do cotidiano, a busca pelo risco, a busca por contato com a natureza, a compensação da dinâmica estressante da cidade, a procura por fortes emoções, dentre outras.

Em muitos dos textos analisados, foi observada a ideia recorrente de que essas atividades, por se realizarem em ambientes naturais, proporcionariam às pessoas certa mudança nos padrões de comportamento, sendo possibilitados também por meio dessas, novos valores humanos. Foi apontado também por alguns autores, que essas atividades são formas de educação ambiental mais prática e prazerosa, sendo possível que o indivíduo seja sensibilizado pela relação corporal com a natureza.

Poucos artigos defenderam a necessidade de maior contato e direcionamentos das práticas como forma de educação assistemática para um despertado interesse na conservação do meio natural. Apenas no texto de Nabeta e Silva (2010), foi dada importância à temática dos impactos gerados pelas atividades de aventura na natureza. Foi também o único texto a apontar uma proposta real de educação ambiental.

Os problemas ambientais são transdisciplinares, por isso as discussões sobre meio ambiente são necessárias e urgentes em todas as áreas do conhecimento. Pesquisas sobre as atividades de aventura na natureza ainda carecem de mais propostas de educação ambiental, visando romper com a lógica de consumo e de mercadoria, tão presente no direcionamento de muitas dessas atividades.

Novos estudos que investiguem em profundidade e especificidade em cada modalidade, os impactos decorrentes das práticas, com fins de se pensar e propor alternativas mais específicas para cada público se fazem necessários. Com o intuito de instigar novas pesquisas, uma questão fica em aberto: até que ponto a educação física e o lazer desenvolveram debates sobre as atividades de aventura na natureza desde o ano de 2010? Aponta-se o desafio de investigar o desenvolvimento dessa temática na atualidade.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Mirleide C.; SAMPAIO, Tânia M. V. Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, n.1, p. 79-92, abr. 2005.

_____. Lazer – meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. **RBCE**, Campinas, v. 28, n. 3, p.173-189, maio. 2007.

BARCELLOS, Gilza H. A crise ambiental e a mercantilização da natureza. In: HISSA, Cássio E. V. **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 109-123.

BRUHNS, Heloísa T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **RBCE**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 86-91, jan. 1997.

CATALÃO, Vera Lessa. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental no Brasil. In: PÁDUA, José A. (Org.). **Desenvolvimento, justiça e meio ambiente**. Belo Horizonte: UFMG/ São Paulo: Peirópolis, 2009. p. 242-270.

DALBEN, André; DANAILOF, Kátia. Natureza urbana: parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940). **RBCE**, Campinas, v. 31, n. 1, p.163-177, set. 2009.

GONÇALVES, Carlos W. P. **Os descaminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2001.

GONTIJO, Bernardo M. **A ilusão do ecoturismo na serra do Cipó/MG: o caso de lapinha**. 2003. 192 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

MARINHO, Alcyane. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 1-20, abr. 2007.

_____. **Lazer, natureza e aventura:** compartilhando emoções e compromissos. RBCE, Campinas, v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, Humberto L. D. **Educação física, meio ambiente e aventura:** um percurso por vias instigantes. RBCE, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio. 2007.

NABETA, Newton N.; SILVA, Cinthia L. Atividades de aventura na natureza: significados para praticantes divulgadores. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-39, jun. 2010.

RECHIA, Simone. Lazer e meio ambiente: a experiência de Curitiba - PR. **Licere**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 9-18, dez. 2004.

RIBEIRO, Maurício A. Origens mineiras do desenvolvimento sustentável no Brasil. In: PÁDUA, José Augusto (Org.) **Desenvolvimento, justiça e meio ambiente**. Belo Horizonte: UFMG. São Paulo: Peirópolis, 2009. p. 64-117.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ana M. Das relações estéticas com a natureza. **RBCE**, Campinas, v. 28, n. 3, p.141-155, maio. 2007.

TAHARA, Alexander K.; SCHWARTZ, Gisele M. Atividades de aventura: análise da produção acadêmica do ENAREL. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n.1, p. 50-58, 2002.

YÁZIGI, Eduardo. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: YÁZIGI, Eduardo et al. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 133-155.

Endereço para correspondência

Irene Benevides Dutra Murta
Rua Augusto Souza Coutinho, 896 – Bairro Álvaro Camargos
Belo Horizonte – Minas Gerais
E-mail: irene.benevides@yahoo.com.br

Recebido em:
21/05/2015
Aprovado em:
15/08/2015

